

HONG-KONG

Esta pequena ilha, situada a uns sessenta kilómetros a leste do estabelecimento portuguez de Macau, no golpho, que a embocadura do rio de Cantão forma, e que se denomina Bocca-Tigris, é uma das provas mais notaveis da energia e da actividade inglezas. Tem esta pequena ilha apenas

14 kilometros de comprimento e 7 de largura. Foi cedida á Inglaterra pelo governo chinez no tratado de paz de 1842.

Logo os ingleses alli fundaram uma cidade a que deram o nome de *Victoria-Town*, segundo a velha usança britannica de darem, na sua nomenclatura geographică, tantas provas de respeito ao monarca reinante, que se torna embrulhadissimo



Hong-Kong.

o estudo das suas possessões coloniaes, pela repetição incessante dos nomes das cidades e das províncias.

Mas emsim, fundou-se esta nova *Victoria-Town*, e tornou-se o deposito principal do commercio inglez na China. Os indigenas, attrahidos pelas vantagens, que lhes offerecem as leis europeas, porque os livram do intoleravel despotismo dos seus mandarins, vieram abrigar-se á sombra da bandeira britannica, e tal foi a actividade desenvolvida pelos governadores da nova colonia que esta cidade, fundada em 1842, já em 1850 tinha trinta e tantos mil habitantes.

A sua importancia deve ter diminuido com a abertura d'outros portos do celeste imperio ao commercio estrangeiro, e com a fundação de novas colonias. Por outro lado, se perdeu o monópolio do commercio inglez, lucrou decerto com o desenvolvimento dos estabelecimentos europeus da China e no Japão. Actualmente já ha carreira de barcos de vapor

de um para outro imperio, e o tubo dos *steamers* arroja desassombradamente as suas espiras de fumaça negra ás paredes de porcelana das torres chinezas.

Decididamente *la Chine s'en va*.

A BOCCA DO INFERNO.

I

Um dos espectaculos mais para ver em Cascaes é o oceano n'um dia de temporal, revolto, encapelado, açoitando a costa, como querendo saltar fóra dos limites que lhe foram marcados pelo creador dos mundos. E soberbamente magnifico aquelle quadro, observado do pincel mais alto dos rochedos; e a primeira idéa que atravessa a mente, como o relampago que assombra, é a idéa de Deus, do poder grandioso da sua mão omnipotente, que assim revolve os abyssos, e diz ao oceano: *pára!* quando elle parece querer engulir a terra, correndo impetuoso sobre a sua superficie.

E quem sabe?! Talvez um dia a voz do Senhor emmudeça; e o monstro, que ruge no immenso leito, querefá estender mais longe os braços, e, arcando com as montanhas em arremessos gigantes e infrenes, subir a arrancar-lhes a coroa! Tudo desaparecerá então no cataclysmo; e o mar, executor talvez da Providencia nos destinos da humanidade, apagará sobre os continentes os vestígios dos homens, como já porventura antigos povos n'outras eras enguli!

O mar! tu és a verdadeira imagem da omnipotencia divina!

— O homem conseguiu encaminhar o raio aos seios da terra; cortar as serranias, abrindo estradas atraez dos alcantis dos Alpes; zombar do tempo, realisando o instantaneo nas communicações do pensamento: só tu ficas! e que eras!

A sciencia humana abre sobre ti caminhos que logo se apagam; construiu um edificio de madeira que fluela no seu dorso; mas se uma vez estremeces, como o leão de Numidia sacudindo a juba, edificio e homens desapparecem nos abysmos infinitos do teu seio! E o homem, atomo imperceptivel ao pé do gigante, geme de raiva e dör; e os seus gemidos são, ó mar, o teu hymno de victoria!

O mar inspira-me respeito, como tudo que é grande e superior. Gosto de vel-o quando está sereno e pacifico; mas admiro-o, se o vejo furioso, e lhe ouço os rugidos. Cada onda que se levanta imponente, e vem, vem, creando corpo á proporção que caminha, até, desdobrando-se sobre si, estender ao longe um lencol de espuma, produz-me uma sensação que mal posso explicar.

Em Cascaes ha tudo isto para ver. A costa erizada de rochedos recebe o embate das ondas, que se arremessam furiosas contra ella, para depois se levantarem em columnas alvacentas a grande altura.

Era num dia tempestuoso quando fui sentar-me ao pé da *Bocca do inferno* a observar o oceano, a que o vendaval acordara as furias. Caia a tarde, e eu estava só ao pé do abysmo. A *Bocca do inferno* é uma furna medonha, especie de poço profundo, cujas paredes estão eriçadas de rochedos. Lá em baixo existe uma abertura natural que communica com o mar. A onda entra rugindo por ahi, saltando sobre os cachopos, e elevando-se depois, para rociar de espuma as paredes do abysmo. E um spectaculo medonho observar d'alli o oceano quando vae o temporal. Os cabeços da rocha, negros e agudos, o mar a estorcer-se como desesperado entre elles, apresentam um aspecto infernal, cheio de horrorosa magestade. Lembra a cova dos campos *Cimmerianos da Odysséa*, onde as sombras iam beber o sangue.

E tudo isto é bello, por que é grande, admiravel, sumptuoso! São aquellas as galas do oceano. Quando está soezgado e manso, dorme — quer antes vel-o acordado, usanndo-se da sua belleza com os paramentos da tempestade. Estoure lá em cima o trovão; aclare o relampago os pináculos da rocha, desça o raio cortando os ares; — e fi-

cará então completo o quadro! A belleza do lago, que juncas e salgueiros bordam, é a serenidade do espelho; a do oceano, marginado de escalvada rocha, é o movimento, o arremesso, a furia. É assim que elle é completamente bello.

Debruçava-me sobre a *Bocca do inferno* para observar melhor o effeito que sobre os cachopos produzia o mar, quando a meu lado, de entre as rochas, vi surgir um vulto. Era um velho que viera pescar, e voltava desanimado para a villa, porque o mar não lhe permittira aproximar-se da extremidade da costa.

— Tome tanto não caia! — disse-me o velho.

Retrocedi, e dei a andar para elle. Tinha uma physionomia franca, como costuma ser a dos homens do mar, e os cabellos brancos como a neve. As rugas profundas do rosto, tostado pelo sol, mostravam a ação dos annos e do traba'ho, posto que o corpo robusto e direito reagisse contra o pezo da velhice.

— Que grande temporal se está fazendo! — exclamou elle quando eu me aproximei. Deus se amerceie de quem anda sobre as aguas do mar!

E pelo tremor dos labios do velho suppuz que murmurava alguma oração.

— Não é bom chegar-se muito á beira dos cabeços — tornou elle dirigindo-se para mim — Pode resvalar-lhe um pé, e acuda-lhe Deus! Já ninguem de lá o levanta com a vaga que faz. Ainda não ha muitos annos que aqui houve um desgosto, na villa...

— Caiu alguém?

— Ai senhor, nem quero lembrar-me de tal!

— Pois ha de lembrar-se, e contar-me o que houve.

— Tem muito que contar...

— Não importa. O sol vai alto — temos duas horas antes que seja noite.

A historia que o velho me narrou, com a sua rude linguagem de marinheiro e pescador, vou eu contal-a á leitora. Não acreditará talvez n'ella; mas ha acontecimentos, que desenvolvidos, sobre o palco, ou no romance, passariam por ficções, por creações phantasticas de alguma imaginação de poeta, e que são, todavia, realidades tristissimas da vida.

E qual é o homem que já no extremo horizonte da existencia, volvendo os olhos para o seu passado, não encontra ahi episodios, que aproveitados fariam um romance ou um drama rico de lances? Realmente a vida não é mais que isto — peripécias encadeadas, que tecem por desfecho a morte.

Drama, cujo primeiro acto é o berço, e o ultimo o tumulo. Os acontecimentos principaes, entre os dois extremos da vida, formam os actos intermedios. Os episodios dão o romance, cujos typos por mais exagerados que pareçam encontram sempre protótipo na vida real. Basta saber reconhecer os atraez da mascara. Rasgue-lh'a, e vereis que a realidade alcança a ficção.

Depois do que deixo dito, perguntarei á leitora — acredita na verdade da minha historia?

Continua)

A. D'OLIVEIRA PIRES.

VOLTAIRE

(Continuação.)

Voltaire representa a intelligencia humana na sua vasta complexidade.

Os espiritos athletas são como os crystaes de innumerias faces, reflectem simultaneamente myriadas de imagens; são como o largo oceano, abraçam todos os continentes.

Alguem disse a respeito do escriptor sobre que traçamos estas linhas: Voltaire desmedrou-se pela universalidade. Se o seu talento se concentrasse n'este ou n'aquelle ponto des conhecimentos humanos, se as suas tendencias se dirigissem exclusivamente a um determinado ramo litterario, se o theatro, por exemplo, fosse o unico objecto dos seus amores, e applicasse n'elle toda a actividade, toda a força da sua intelligencia, Voltaire sobrelevaria a Racine, e emparelharia com o bravo Corneille.

Na prosecucao d'esta noticia teremos de avaliar Voltaire em relação aos seus predecessores na tragedia; por em quanto diremos apenas, que, a restrição, que a dieta a que muitos criticos querem subjeitar o genio nos parece destituída de bom senso.

Voltaire foi o que a sua natureza quiz que elle fosse. Ha natuzetas multiplices. Os troncos robustos bracejam varas para todos os lados; são esses ramos inumeros, florentes, flexiveis mas vigorosos que constituem a belleza, a magestade da arvore que os alimenta. Voltaire passa da *Zaira* para os Elementos da philosophia de Newton, como o Dante sae do *Inferno* para escrever o seu tratado *De Vulgari eloquentia*. Nisto não ha transvimento, ha repouso. O espirito cansado das grandes luctas, exausto pelo voar constante, sentindo as azas fraquejarem pouco a pouco, desconde, pousa, espairece, e readquire novas forças para se elevar a maiores alturas. N'estes periodos de descanso pôde transigir com as puerilidades mundanas. É como a ave arrejada, que viesse lá de cima, das visinhanças do sol, e que ao abater o vôo no seu ninho de fragas se distraisse em espicar os insectos. A mão que desenhou os maiores e os mais bellos vultos da scena moderna diverte-se em tracejar Falstaff; o poeta do Adamastor escreve os disparates da India. *La force, ce n'est pas Protée, c'est Jupiter;*» dizem ainda os que censuram a multiplicidade de assumptos de que Voltaire se preocupou toda a vida; a imagem é graciosa, mas, ao que me parece, falsa, desde a raiz até à copa. Jupiter e a força, e ao mesmo tempo a metamorphose. O Deus do rayo, é o cysne de Leda, e o touro da Europa; transmuda-se perpetuamente, e em cada uma das formas de que se reveste imprime o cunho divino.

Concedo que em Voltaire não haja aquella velenencia, aquella energia que se admira em Corneille, que as suas creações não tenham a austera severidade que muitas vezes demandam, que a palavra inflamada e ardente não caia em meio das grandes scenas ou dos elevados quadros epi-

cos; mas a paixão sem exagero, a paixão natural, affectuosa, pathetica, docemente aquecida ao fogo inferior, essa é a que nós encontramos nas suas tragedias, como talvez em nenhuma d'outro poeta da França. E mais, note-se o seculo em que Voltaire vivia, seculo de frivolidades e de deserções, sem aspirações, sem grandeza, sem a hembridade altaiva que robustece o poeta que em meio d'elle se move, e que por elle se inspira. É esta a razão porque na *Henriada* escassam os traços epicos, porque lhe faltam os arrebatamentos da epopéa. O canto heroico não apparece indifferentemente em qualquer época; ha para elle uma quadra em todas as nações. Se essa quadra passou sem que os poetas quizessem ou podessem embocar a tuba homérica, debalde procurarão ao diante preencher o grande vacuo litterario. «—O seculo XVIII diz Edgar Quinet, —adverso ás tradições, e tentando isemplar-se d'ellas, era o contrario dos tempos epicos; as guerras da regencia não poderiam reacender o heroismo extinto. Por um esforço de genio, puramente individual, Voltaire conseguiu elevar-se a brillantes imitações da poesia alexandrina e romana. N'este genero de poesia, inutil é, porém, o trabalho de um homem; se o pensamento e a vontade de todos não contribuem de metade para a sua obra, tal obra será impossivel.—«É nos principios da vida litteraria de um povo que as epopeas aparecem de facto. Se a França do meio dia e do norte produzio na edade media alguns monumentos epicos, como ao presente se assegura, não o sabemos nós, nem nos parece mesmo que as rhapsodias do seculo XII e XIII possam merecer o verdadeiro nome de epopeias. Foi de certo no seculo XVI, no grande servir das luctas religiosas, no grande embate das crenças e das paixões sublimes, quando o povo no seu viver tempestuoso e poetic respirava o entusiasmo cavalleiroso e a nobreza dos puros affectos; foi então que souu para a França a hora d'ella dar ao mundo a Epopeia. Ronsard, o maior de todos os poetas da *Pleynade*, atravessou a onda popular, sem lhe entender os profundos rugidos, ou sem descobrir na sua alma, naturalmente lyrica, um unico accento que podesse consagrar ás soberbas magestades heroicas. Depois, em seguida, veio a escola dura, secca, empertigada e methodica, d'aquelle Malherbe frio e coriaceo, de quem Boileau fez um Deus e a posteridade uma mumia. Começaram os gramaticos a aggredir os poetas; a goiva, o prumo, a lima eterna da pedanteria poz-se a fazer o seu officio contra a inspiração e contra o genio. Discussiam-se os solecismos e metrificava-se por bitola; as musas tinham quebrado a lyra, e andavam de regua e compasso.

Quando alguém sahia do carril pizado e recalado, tinha sobre si a ferula dos mestres, e a imprecação dos asthmaticos.

Enfin Malherbe vint qui le premier en France
Fit sentir dans les vers une juste cadence:
D'un mot mis en sa place enseigna le pouvoir,
Et reduisit la muse aux règles du devoir.

Não eram, pois, similhantes poetas que podiam

Visitei a casa de todos os amigos que as
conheci, e que fizeram amizade comigo. Vai
fazer parte desse dia, a visita a oceania, e
a visita a casa de meu avô. Quando
fizemos a visita a casa de meu avô, fomos
convidados a jantar com os amigos que
fizeram amizade comigo. Eles fizeram
uma grande festa, e todos os amigos que
fizeram amizade comigo, estavam lá.

the author had written a work in which
he had given a detailed analysis of the
various forms of mental activities & suggested
theoretical principles which he had applied. (See
the first edition of "The Mind of Man" in the
"Philosophical Library" series, 1932, pp. 11-12, and "Mind in Evolution" in
the same series, 1936, pp. 11-12.) The second & third
editions of "Mind in Evolution" have a similar
outline.

Racine, e Corneille terão por vezes de ser citados em confronto; quanto a Crebillon penso que não sera preciso remechel-o na cova.

卷之三

E. A. VIDAL.

CASTELLO DE KENILWORTH

Não é estranho este nome aos leitores de Walter Scott: logo lhes acode de certo à memoria o magnifico romance que tem este titulo, romance admiravel, que se baseia na sombria tradição da morte da condessa de Leicester, e em que o grande escriptor escocês soube pintar com tão largos traços os esplendorés e os misterios da corte de Isabel de Inglaterra, e o caracter a um tempo varonil e apaixonado, austero e affecto à lisonja da energica rainha, que regou com mão tão habil e tão firme os destinos do seu paiz, mas sobre cujo reinado projecia uma sombra immensa a morte da infeliz Maria Stuart.

O sangue da formosa e estouvada escocesa maculou de um medo que a historia não pôde deixar de registar, o alvo manto da rainha que tanto folzava com que lhe dessem o cognome da rainha virgem.

O romance de Walter Scott tem por assumpto, como disse, a morte da infeliz condessa de Leicester, sacrificada por seu marido, elegante ministro de Isabel, que aspirava a partilhar o thalamo e o trono da rainha, à ambição, que fôra despetrada pela manifesta ternura que a energica rainha seputa por elle.

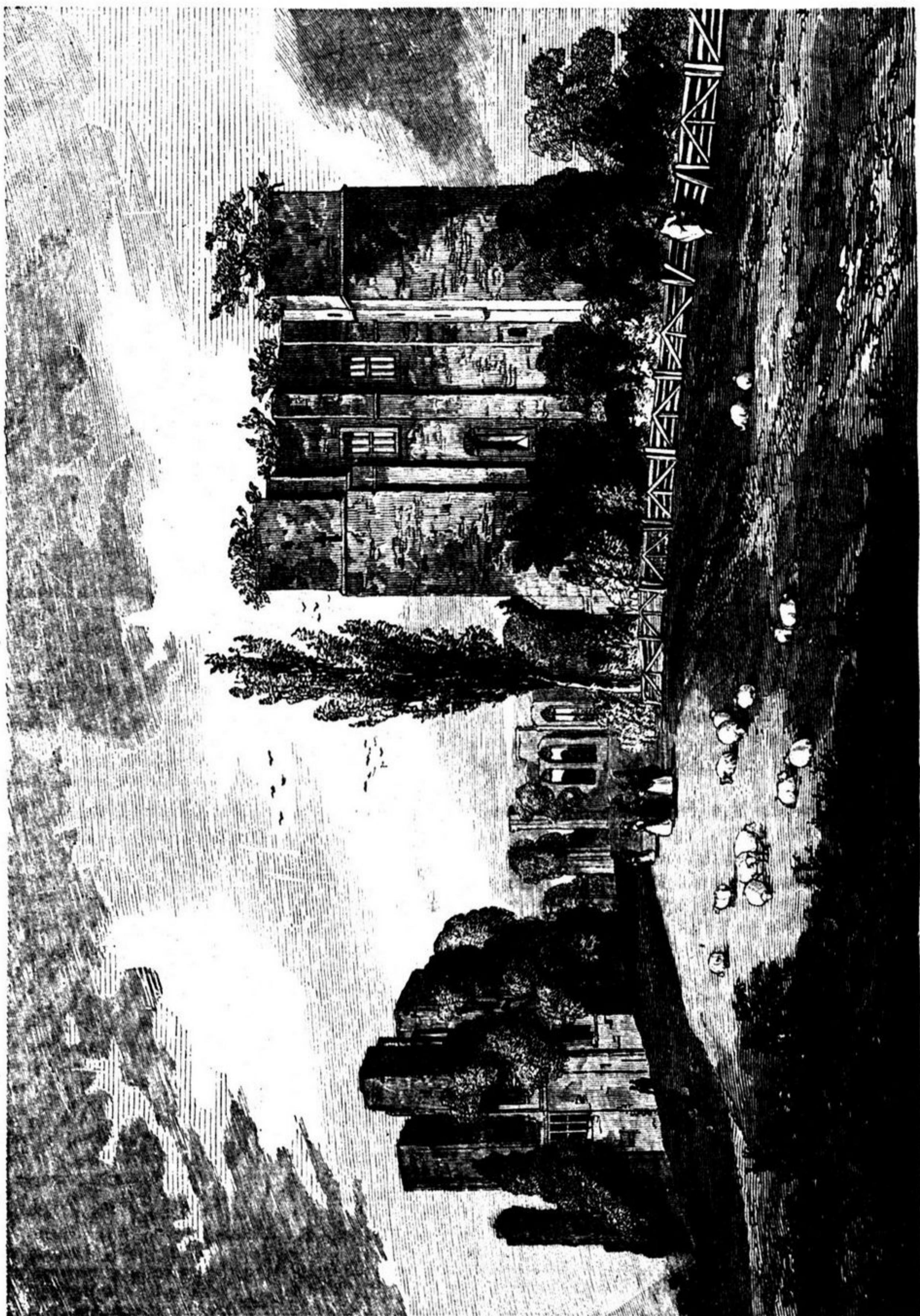
— No quadro da narração entram naturalmente, as descriptas como Walter Scott sabe descrever, as magnificas festas dadas pelo conde à rainha nesse opulentissimo palacio, que é hoje o que a gravura o mostra, uma ruina.

Fica situado no condado de Warwick. O que elle era no tempo do seu esplendor, sera o mesmo Walter Scott quem nos-o dira quando no seu bellissimo romance descreve a chegada da infeliz condessa ao palacio, d'onde seu marido a queria afastar por todos os meios, porque não confessara a rainha o seu casamento, e convinha-lhe que Isabel o considerasse livre das laços matrimoniaes. Cé-damos a relativa ao grande romancista.

«Emfim suíço o castello magnifico de Kenilworth para o embelherar e para melhorar os despendos que delle dependiam, gastara o conde de Leicestershire, segundo se diz, sessenta mil libras esterlinas, somma que nesse tempo equivalia a meio milhão de libras na actualidade.

Os muros exteriores d'esse edificio soberbo e
grande abrangiam sete acres, uma parte dos quais
era ocupada por vastas cavallariças e um jardim
de prato com elegantes molas, e canteiros cheios de
águas; o resto formava o primeiro pátio da palácio.

está edificada construída no meio d'este exuberante
jardim, composta de muitos palacetes moltí-
mos que parecem ter sido construídos em dife-
rentes épocas, e que dão achar um riquezíssimo



Castello de Kenilworth

O nome e os braços de cada parte separada lembravam potentes fidalgos falecidos em antigos tempos, e cuja historia, se a ambição a podesse ou soubesse ouvir, daria uma lição util ao orgulhoso valido que adquirira e augmentara os seus dominios.

O vastíssimo torreão que formava a cidadella do palacio da'ava da mais remota antiguidade, bem que não houvesse noticia alguma, digna de credito, sobre a época em que fôra construido.

«Tinha o nome de Cesar, talvez por causa da

sua parecenza com a cidadella do mesmo nome que se vê na Torre de Londres. Affirmavam alguns antiquarios que tōra este forte elevado por Kenelph, rei saxonio de Mercia, que déra o seu nome ao castello, e outros que fôra construido pouco tempo depois da conquista dos Normandos. Nos muros exteriores campeava o brazão dos Clinton, que os tinham fundado no tempo de Henrique I da mesma forma que o brazão de Simão de Montfort, vulto ainda mais temivel, que, nas gueiras dos barões, defendera muito tempo Kenilworth contra o rei Henrique III. Mortimer, conde de March, famoso pela sua elevação e a sua queda, alli dera festas e torneios, enquanto o seu soberano destronisado, Eduardo II, desinhava nas proprias masmorras do castello. O velho João Ganut, da antiga raça dos Lancaster, augmentara muito este edificio, construindo a aza, que ainda hoje tem o nome de palacio de Lancaster; mas Leicester venceu os seus predecessores, apezar d'estes serem bem ricos e bem poderosos, erigindo uma immensa fachada, que desapareceu debaixo das suas proprias ruinas, monumento da ambição do seu fundador. Os muros exteriores d'esta residencia verdadeiramente regia eram banhados por um lago, em parte artificial, sobre o qual Leicester manda construir uma ponte magnifica, a fim de que Isabel podesse entrar no castello por um caminho, feito para ella só. A entrada habitual era pelo lado do norte, onde Leicester erguera, para defesa do castello, uma torre altissima, que ainda existe, e que vence, pela sua extensão e pelo estylo da sua architectura, muitos castellos de alguns chefes septentrionaes.

Do outro lado do lago havia um parque immenso, povoado de gamos, cabritos, yeados, e toda a especie de caça. Este bosque era plantado de arvores soberbas, do meio das quaes a fachada do castello e as suas torres macissas pareciam sair magestosamente. Não podemos deixar de acrescentar agora que este nobre palacio, que recebeu monarcas, e que foi illustrado por guerreiros que alli deram serios e sanguinolentos assaltos, e por justas cavalheirescas em que a belleza distribuia os premios obtidos pelo valor, não offerece hoje senão uma scena de ruinas. O seu lago transformou-se n'um prado humido, onde os juncas vecejam, e as suas immensas ruinas servem só para dar uma idéa do seu antigo esplendor, e para fazer apreciar melhor ao viajante que reflecte sobre a vaidade das riquezas do homem, a ventura dos que desfrutam a sua mediocridade com um virtuoso contentamento.

O ESTUDO DA HISTORIA

Apólogo

—Quereis saber, dizia um Indio a um Europeu, como eu quereria que se iniciassem as creanças na historia dos homens?

Observai este punhado de lodo apanhado no leito do Aracan. Que numero infinito de moléculas, e comtudo quão poucas particulas do metal

precioso que procuramos! Que trabalho tão longo e difícil para descobril-as e separal-as do lodo em que estão enterradas!

Pois bem, o mesmo se dá com a historia das gerações que se tem succedido desde a criação do mundo. Que de acontecimentos! mas os, verdadeiramente, dignos de memoria, que derramam luz sobre a natureza do homem, sobre a sua missão cá na terra, que lhe offerecem exemplos nobres, que lhe desenvolvem o coração e a intelligença, esses são raros e só a vista do sabio os pode discernir.

Ensina! unicamente ás creanças os factos pouco numerosos e escolhidos. Poupa!-os á fadiga de revolverem inteiramente a montanha de fragmentos pulverulentos agglomerados pelo tempo, para procurarem alli algumas raras particulas de ouro. Guiai!-os logo ás fontes do verdadeiro saber, ao thesouro que a philosophia tem obtido da experiença de milhares de gerações extintas.

THEATRO DE D. MARIA II.

III

É o theatro de D. Maria II um dos mais formosos edificios de Lisboa, e no seu genero, pode competir com os de maior nomeada, não só na decoração e riqueza de ornatos, senão tambem na distribuição interior.

A ordem architeconica adoptada é a jonica, como estão mostrando as columnas do peristylo, as pilastres das fachadas, as molduras e volutas.

Seria esta de feito a ordem architeconica, que mais convinha?

Não se deveria antes, seguindo as bellas tradições herdadas, construir um edificio no gosto dos Jeronymos ou da Batalha?

Esta opinião aventada por alguns criticos pouco sabedores e demasiado patriotas, não tem fundamento na arte.

É necessario ignorar profundamente os mais singelos preceitos do gosto para defender a arte romantica em edificio d'esta ordem.

Encantadoras e sobre todas formosissimas, são em verdade as architecturas christãs, brincadas, floridas, arrendadas, com as suas crastas silenciosas e poeticas, com as suas arcarias mudas e melancolicas.

Nada mais admiravel do que um velho mosteiro, no pendor da serra, illuminado pela lúa, cercado de arvoredo remançoso, lá dentro o claustro com as suas ogivas, com as suas portas sobrepostas, com as suas columnatas rendilhadas, com as suas filagranas de marmore, com as suas estatuas, e brutescos meio sombreados.

Nada mais poetico do que esse perfume religioso que se eleva em ondas, do silencio do templo, todo laçarias imaginosas, que irrompem ardentes em seixes, e se desdobram até se espalharem nas abobadas, como as crenças redivivas dos fundadores e dos artistas, crenças possantes, servidas que se erguiam da terra e iam abraçar o céu, enramando de grinaldas e festões o throno da Virgem. Que architecturas sublimes! Como a alma se expande em effluvios de harmonia, e a prece saca frequentemente! E depois aquellas janellas escondidas e docemente veladas, e os vidros corados, em que a luz bruxulea formando auréolas celestiaes! E acima de tudo, envolvendo tudo, um manto de santidade e candura, casto e singelo como as crenças d'aqueellas eras religiosas!

Oh! Mas quem ousaria profanar os sacrosantos misterios do mosteiro transportando para a praça publica, para o theatro essas architecturas mysticas que só convem aos penetraes em cujo seio se aninharam os que fitavam olhos piedosos no céu? Para os theatros e para todos os edificios de igual natureza, Roma e Athenas, Augusto

e Pericles, legaram-nos modelos eternos, que é força imitar, porque ninguem excede a perfeição.

Representa a architectura grega uma grande idéa e a pujança e força de um povo, que chegou á maturidade, ao apogeu da gloria e explendor, ao acumen da riqueza.

As linhas severas e harmonicas, rectas e inflexiveis como o destino, sobrepondo-se paralelamente, não conhecendo limites, aquelles frontões carregando sobre columnas, que se conservam erectas e orgulhosas, as columnatas robustas, os festões e volutas, os hypogriphos e caduceus, todos os symbolos e hierogliphos, os nichos, os vasos, os balaustres os acanthos; tudo nos está mostrando que a architectura classica, empregada no Parthenon e no templo da Paz, era a que mais convinha a dois povos, cuja civilisação correra o mundo, cujas ideas se haviam espalhado por toda a parte, cujos exercitos tinham, cada qual segundo a si, esmagado Dario e Xerxes, ou vencido o oriente e o occidente.

Em Vitruvio devia pois encontrar o architecto a norma, que o guiasse na traça do edificio.

E assim foi. O theatro de D. Maria, apesar dos seus defeitos, é explendida amostra da architectura classica, e um monumento formoso e rico, é um edificio nobre, que não desdourara Paris e Londres.

Tem este edificio quatro fachadas, symetricas duas a duas, deitando cada qual para o seu largo, o que produz optimo effeito e mais realce da ao monumento.

Para a praça de D. Pedro olha a fachada principal, que é a do sul, para o largo do Regedor a do norte, para o largo do Camões a de oeste, para o largo de S. Domingos a de leste.

Representa a nossa gravura a fachada principal e a de oeste, e deixa ver o largo de Camões e o de S. Domingos em cujo topo se divisa o palacio dos condes de Almada, aonde se reuniram os heroicos e gloriosos conjurados de 1640

A fachada principal, assim como as de mais, são de marmore, sendo roseo o do liso das paredes e superiormente ao andar nobre, e lios o resto.

E o peristylo assente em seis columnas jonicas; no vertice do frontão campéa a estatua de Gil Vicente e nos aeroterios as estatuas de Melpomene e Thalia.

Sobrepostos ás janellas e no attico do andar nobre, vêem-se quadros allusivos, bustos de poetas, e outros ornatos, os quaes, assim como ás estatuas, muito honram a Academia das Bellas Artes.

A frente septentrional é similhante a esta e só differe em não ter peristylo e nas esculturas.

As fachadas que deitam para oeste e leste são em tudo identicas, e ambas tem o seu vestibulo com arcada de cantaria, sendo o vestibulo occidental serventia dos espectadores, e o oriental dos actores, empregados e artistas.

Em frente do vestibulo occidental e quasi no mesmo nível está o salão da entrada, cujo tecto se apoia em quatro columnas de marmore sem sóco, como era de ração, para não empecer a passagem.

Mede o salão dezescis metros de comprimento sobre dez de largura. No andar superior e ocupando a mesma posição, está o salão nobre, ricamente decorado, rodeado de duas ordens de galerias em sacada e sustentadas por columnas. O pavimento todo de mosaico corresponde aos camarotes de primeira ordem, e as duas ordens de galerias communicam com as outras ordens de camarotes.

Do salão da entrada sobe-se a uma galeria, que circumda a platéa, e permite communicações com os diversos andares.

Conta a sala setenta camarotes distribuidos em quatro ordens, contando as frisas. Ha uma tribuna real e uma galeria. Aquella é rica e perfeitamente ornada, tendo as paredes revestidas de espelhos, e sendo o tecto em forma de cúpula de oiro e azul. Toma em altura duas ordens de camarotes; contiguas á tribuna real ha duas salas, que dão para um gabinete, uma copa e um vestibulo sendo que cada camarote tem uma sala especial e um gabinete de toucador.

A área da platea é de cento e oitenta e dois metros quadrados. O palco mede vinte metros de largura e vinte

e tres de fundo, e em volta d'elle, encontram-se os camarins, gabinetes, arrecadações, sala do commissario, da direcção, foyer etc.

Tal é mui resumidamente, sem minucias prolixas a descrição do actual theatro de D. Maria, que já foi modificado em 1838, porque a principio contava mais uma ordem de camarotes, em forma de galeria, o que, sobre desfeitar o theatro, tirava-lhe todas as propriedades acústicas, porque havia uma resonancia, que não permittia ouvir.

Diminuiu-se tambem a platéa, avançando o palco, abriram-se camarotes no proscenio, frisas na galeria inferior, diminuiu-se o fundo dos camarotes e separaram-se por decípimentos.

Com serem grandes estes melhoramentos, que eram ha muito requeridos, outro havia, de não menos necessidade, qual era mudar a cobertura do tecto, feita de folhas de ferro galvanizado.

Quiz-se experimentar o ferro que era muito encarecido por architectos estranhos, e a experientia custou-nos cara, porque deu pessimos resultados.

Não são as folhas de ferro para o nosso paiz, e muito menos para um theatro de declamação.

Quando chovia, e todos sabem que as chuvas em Portugal são torrenciaes, era tal o ruido, que ninguem ouvia os actores. Ajuntava-se a este defeito a ruina prematura e rapida dos madeiramentos, porque as agoas escoavam-se pelas juntas, e orificios dos pregos. As folhas estavam e enrugavam-se no verão e fazendo saltar os pregos de tal sorte aqueciam, que queimavam as madeiras. Estas alternativas-continuadas da secca e humidade acarretavam a ruina do madeiramento.

Em virtude d'estas ponderosissimas rasões foi substituida a cobertura de ferro pelas chamadas telhas hollandezas, chatas, acinzentadas, que removeram todos os inconvenientes.

A. OSORIO DE VASCONCELLOS.

As unhas, que usurpão o titulo de bentas, são aquellas, que empolgando piedades, fazem a preza em latrocínios.

P. ANTONIO VIEIRA.

INVOCAÇÃO

Em que recesso te escondes,
O anjo da minha paz?
Não me escutas? Não respondes?
Onde existes? Onde estas?
Que ~~espresso~~ sendal te vela
A serena fronte bella
Que gruha escura te encerra,
E te oculta aos olhos meus?
Já baixaste acaso á terra,
Ou inda moras nos ceus?!

Formosa imagem sonhada,
Um dia vem, outro apoz,
E tu, ó mystica fada,
Sempre muda á minha voz!
Nas leves nuvens te embalas?
Nas densas florestas fallas
Pela voz do rouxinol?
Junto ao sol, n'elle te abrazas?
Ou libraste as brancas azas
Para os mundos de alem-sol?

Quanto mais te julgo perto
Para mais longe tu vaeis,
E é mais árido o deserto
Que se franqueia a meus ais!
Cada instante, novas fórmas:
Numa estrella te transformas
E eis-te no espaço a brilhar!
Ora és a flor que perfuma,
Ora passas sobre a espuma
Que orla a tunica do mar!

Vem das plagas do infinito!
Desce, chega, ó anjo, vem;
Que eu sei que não és um mytho,
Que eu sei que vives tambem!
Não; não és uma chymera.
És a eterna primavera,
És a esperança louçãa,
És a luz, o riso, a festa,
Para a vida que me resta
És a perenne manhãa!

Sei-o. Senti-o. No berço
Adivinhei-te, e, de então,
Para mim todo o universo
Resumiu esta paixão.
Não mente o sonho. Sonhei-te
Alva, pura como o leite
Da só virgem que foi mãe,
Radiante do brilho immenso
Que, por entre ondas de incenso,
Da ideia de Deus nos vem!

O sonho encantado eu posso
Traço a traço repetir.
Vi-te eu mesmo. Que alvoroço!
Como houvera a fé mentir?
Embora de estranha essencia,
Pulsa-me a tua existencia
Nas minhas veias, bem vés,
Arfa-te o seio em meu seio,
Penso, sinto, vivo, e creio.
Porque tu vives e crês!

Um dia em que na vereda,
Que percorro por te achar,
Entre a sombria alameda
Me sentei a descansar,
Suppuz chegado o momento
De attentar n'esse portento
Que a minha alma anhela e quer,
Jurara que o paraíso
Me acenava no sorriso
Dos labios de uma mulher!

Irrisão! Tremi, corri-me,
A face verguei ao pó:
Respirava a infamia, o crime
A falsa deidade só.
Ai, debalde te imitava!
Ergui-me, parti, a escrava
Deixei do mal sem pudor;
Pedi perdão do insulto,
E volvi para o teu culto,
Caminhei ao teu amor!

Exhausto de força, o ermo
Mais tarde sem fim pensei,
E dentro do peito inferno
Toda a agonia pezei.
Como que pensei,—perdoa—,
Mentida a tua coroa,
Que eras um brinco infernal,
E tentei busear o olvido
E o descanso no ruido
Infrene da bachanal!

Jorrava o vinho nas taças
Os topasios, os rubis,
Amei-o, e, com elle, as graças
Das Messalinas mais vis!
Mas eis de repente, em meio
Da festa devassa, o seio
Freme em doce estremecer;
Nova crença em ti surgia!
E o facho apaguei da orgia,
Corri longe por te ver!

Sempre tu, a mesma, aquella
Que eu não vi, mas de quem sou,
A mesma lucida estrella
Que o futuro me rasgou!
Dia e noite, n'um deserto,
No baile, em sonhos, deserto
Sempre aquella que não vi!
Sempre este aspirar constante
Ao bem ignoto, distante,
Ao desconhecido, a ti!

Como pois a ti voara
N'este aneio que seduz,
Se o Senhor te não creara
De um raio da sua luz?
Fóras illusão, mentira,
E dentro em mim não sentira
Os divinos dons da fé!
Quando um falso Deus se adora,
Qual das crenças não descora?
Qual a que fica de pé?!

Oh, existes, sim! Já'gora
Não tardas, não te detens!
No explendor virás da aurora?
Nos raios da lua vens?
Quero amal-los, quero vel-los,
Os teus ondados cabellos,
Teu phantastico sorriso,
Quero fartar os desejos
De prelibar em teus beijos
Toda a ventura por vir!

Oh, existes, sim! Das veias
Percebo-o nas pulsações:
Assomas, pairas, volteias,
Entre lucidas visões!
Extasis de puro goso!
E no dia venturoso
Que me surgir onde estás,
Por seguir-te os aéreos traços;
Deixa cingir-te em meus braços,
Ó anjo da minha paz!

Mal n'este canto se fixar o amado,
O teu sonhado olhar a cujo encanto
Estes versos sagrei,
Oh! d'onde quer que estejas, rasga o manto
Que assim te encobre, solta ao longe um brado,
E aos pés te cahrei!

Vae longo o caminhar! Afrouxa o passo!
Que mais te não procure, anjo, debalde!
Por não morrer, ó flor,
Da magoa de não ver-te, ou de cansaço,
Consente em sim que a fronte te engrinalde
Com rosas d'este amor!

fevereiro, 1866.

ERNESTO MARECOS

Hum animo nobre, mais se obriga da cortesia
alhêa, que da vontade propria.

FRANCISCO RODRIGUES LOBO

Grande remedio he contra os males desviar d'elles o sentido, e ocupal-o em cuidados diferentes. E posto, que o que muito se sente não dá logar nem liberdade ao pensamento para se entregar a outra causa, com tudo, como a natureza apetece novidades, sempre em algum breve espaço lhe dá ouvidos.

FRANCISCO RODRIGUES LOBO